

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

“FOUCAULT E O PENSAMENTO DECOLONIAL”

Luis Celestino de França Júnior¹

Caio Souto²

O ano de 2024 foi marcado pela realização de uma série de eventos acadêmicos em homenagem ao filósofo francês Michel Foucault, bem como pela publicação de periódicos e livros por ocasião da passagem dos 40 anos de sua morte. A presente edição vem se somar a essa série de publicações e eventos que mostraram a atualidade e o diálogo entre diferentes áreas com o pensamento de Michel Foucault. O grande interesse por sua obra permanece não só como algo de importância para a história da filosofia – o que convenhamos não seria pouca coisa – mas porque várias questões, pontos de reflexão, provocações e problematizações ainda seguem como fonte de pesquisa e como fundamento teórico para produções acadêmicas contemporâneas.

A chamada desse dossiê da Revista Somanlu convidou pesquisadoras e pesquisadores a enviarem artigos aproximando o pensamento foucaultiano de temas relacionados à decolonialidade. Não era necessariamente um encontro fácil e talvez – entre os tantos eventos e publicações de 2024 sobre Foucault no Brasil – tenha sido o único a provocar essa associação mais direta. A decolonialidade pode parecer um tema estranho ou distante dos interesses iniciais do pensador francês, considerando-se ainda a crítica de vários autores e autoras à centralidade do

¹ Professor da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Doutor em Comunicação pela UFPE. Mestre em Comunicação pela UERJ. Graduado em Comunicação Social pela UFC. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0312-5063>. E-mail: luis.celestino@ufca.edu.br.

² Professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutor em Filosofia pela UFSCar. Mestre em Filosofia pela UFSCar. Graduado em Filosofia pela UNIFRAN e em Direito pela PUC/SP. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5736-2262>. E-mail: caiosouto@ufam.edu.br.

pensamento europeu no ambiente acadêmico. Esta chamada foi então uma forma de instigar esse atravessamento para se encontrar pontos de conexão.

Nos últimos anos, porém, tem surgido uma série de pesquisas mostrando que esse diálogo é possível e que, de fato, questões sobre a colonização não passaram despercebidas em vários momentos da obra de Michel Foucault. A pesquisa de Danielle Lorenzini sobre os arquivos de Foucault na Tunísia, os estudos de Orazio Irrera sobre a biopolítica colonial servem de exemplo desse interesse pelas relações entre Foucault e temas ligados à decolonialidade. No Brasil, temos a publicação do livro “Dispositivo da Racialidade”, fruto de uma Tese de Doutorado em Educação na USP, realizada pela socióloga Sueli Carneiro, onde as formulações sobre o biopoder em Michel Foucault indicam ser fundamentais para tematizar as dinâmicas do racismo no Brasil.

Na entrevista a Moraiki Watanabe (1978), presente na coleção dos *Ditos e Escritos* com o título “A Cena da Filosofia”, Foucault afirma que era interesse do seu trabalho mostrar como uma forma de dominação colonial pôde se instaurar, a saber: “de que maneiras as formas de dominação sobre os indivíduos ou sobre algumas categorias de indivíduos se estabeleceram e como elas puderam fazer funcionar as sociedades ocidentais, as sociedades modernas?” (FOUCAULT, 2016, p. 233). Desse modo, relacionar o tema da decolonialidade aos desdobramentos atuais do pensamento de Foucault é, ainda, colocarmo-nos em consonância com a sua filosofia. Portanto, essa aproximação que aqui se opera, entre Foucault e o pensamento decolonial contemporâneo, faz-se também um convite à leitura de trabalhos que encaram esse desafio a partir de diferentes abordagens. São as seguintes:

Em **Michel Foucault e Frantz Fanon: Diagnósticos e Resistências à Colonização Subjetiva**, Mario Santos Morel e Danichi Hausen Mizoguchi propõem um diálogo entre Foucault e Fanon, tomando como objeto de estudo seus diagnósticos sobre o poder colonial. A partir do que ambos escreveram sobre o racismo e a psiquiatria, o artigo traz como objetivo investigar no modo como encaravam a colonização e nas pistas sobre as práticas de libertação que indicaram: uma espiritualidade contracolonial.

No artigo **Espaços de Contestação e Aliança em Foucault e Kopenawa**, Regiane Collares trata da *queda do céu* anunciada pelo xamã Davi Kopenawa, também líder político Yanomami, numa conexão crítica à abordagem das “heterotopias” operada por Michel Foucault. A autora associa a advertência de

Kopenawa sobre a fatalidade da queda do céu, provocada pela ganância do “homem-mercadoria” em expropriar a floresta, com a atenção de Foucault voltada aos espaços em que ocorre a erosão de vidas minoritárias. As dimensões heterotópicas de Foucault e o conhecimento do xamã Kopenawa se vinculam neste artigo a um pensamento anticolonialista, provocando a abertura de fronteiras através das relações de vizinhança, áreas críticas onde é possível encontrar aliados e resistir às invasões e destruições coloniais.

O artigo **Da Exclusão ao Exercício da Função Autor: os Povos Originários Ameríndios na Ordem do Discurso** de Ana Paula El-Jaick e Fabrício Côrtes Servelati é uma proposta de análise discursiva foucaultiana da posição sujeito indígena tal como foi discursivizada pelos primeiros colonizadores europeus, e, contemporaneamente, da função de autor exercida por indígenas. Os dois autores se aproximam do pensamento de Foucault sobre a função-autor à luz de questões decoloniais atuais e reivindicam a oralidade e o corpo como dispositivos a serem considerados também como constituintes da posição do autor indígena.

O Diário de uma Favelada e o Decolonialismo: Carolina Maria de Jesus, Michel Foucault e Simone Weil, Marcos Antônio Ferreira buscou traçar um diálogo entre a filosofia e a literatura, visando uma abordagem interdisciplinar acerca da questão do decolonialismo, a partir de *O diário de uma favelada*, da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. O trabalho abordou a obra tendo como horizonte interpretativo o pensamento do filósofo Michel Foucault com a noção de escrita de si, sendo uma das ferramentas utilizadas para o cuidado de si, como o concebe em sua *Hermenêutica do sujeito* bem como se apoiou em Simone Weil, em um diálogo com suas colocações acerca do colonialismo e da ideia de desenraizamento da alma, presentes nos escritos *Contra o colonialismo* e *O desenraizamento*.

Em **Foucault e a Descolonização do Pensamento**, Luiz Manoel Lopes busca aproximações dos modos de pensar de outras maneiras propostos por Michel Foucault. A partir de uma leitura das relações entre acontecimento, história e poder, o autor busca apresentar confrontações com a filosofia da história e com o estruturalismo a fim de pensar a partir de modos não-ocidentais e não-coloniais.

No artigo **Biopolítica, Necropolítica e Decolonialidade Interseccional em algumas análises dos racismos de Estado e de Sociedade no Brasil**, Flávia Cristina Lemos, Jéssica Lane Ikuma e Ronaldo Pinheiro, analisam a biopolítica, a necropolítica e a decolonialidade sob a articulação com a interseccionalidade para

colocar em crítica o racismo de Estado e de sociedade no Brasil. O artigo buscou problematizar o deixar morrer de mulheres negras, sob a insígnia de democracia racial e mestiçagem como dispositivos de governo da população trazendo ainda um olhar em perspectiva de aspectos dos feminismos negros na criação de efeitos políticos importantes nas resistências à negação do racismo e da violência de gênero como marcadores sociais que andam conjuntamente na prática de deixar morrer e matar em nome da vida.

Em **A figura do anormal como elemento de desconstrução da decolonialidade**, Paula Vargens propõe um diálogo entre o pensamento de Foucault sobre a construção da figura do anormal e o pensamento decolonial. O texto apresenta a relação entre a colonialidade e a invenção dos monstros, entendendo que a construção do anormal é espectralizada pela figura do monstro e tem uma relação com os processos de hierarquização dos povos dentro da moderno-colonialidade, no sentido apresentado por Quijano.

Em **As Narrativas Míticas e a Ética do Cuidado na Constituição de Outros Mundos Possíveis: uma Contribuição para o Campo Educacional**, Sidcléia Santos e Maria Sandra Montenegro Leão abordam a conexão existente entre as narrativas míticas e as experiências de cuidado nas tradições xamânicas, enquanto possibilidade de alteração dos processos de presentificação na existência. Ao mesmo tempo buscam se debruçar sobre o papel da educação no processo de formação humana, considerando-a um caminho possível para a partir do reconhecimento e aceitação da diferença.

Em **Dissimetrias**, Saulo Lemos relaciona a obra de Friedrich Nietzsche à experimentação formal na poesia recente como sobrevivência daquele direcionamento em uma obra que dialoga intensamente com a tradição moderna: a poesia do brasileiro Carlito Azevedo (1961). O autor apresenta a hipótese de que os poemas de Carlito sejam indício de uma tendência mais geral, tanto na escrita literária como filosófica modernas, que mantém o deslocamento de pontos de vista como método, mas também como inquietação inevitável ante as perplexidades da modernidade. Essa possibilidade é observada a partir de uma leitura de dois poemas de Carlito extraídos de seu livro *Monodrama* (2009), intitulados “Uma tentativa de retratá-la” e “Pálido céu abissal”, com foco nas questões da representação e da política como vida comunitária. A partir daí, Saulo Lemos formula a noção de dissimetria ou assimetria, que se associa a um percurso que vêm da “diferença do

olhar” concebida pelo filósofo alemão e passa pela chamada “filosofia da diferença”, em que são compreendidos autores como Jacques Derrida, Giles Deleuze, Félix Guattari e o italiano Gianni Vattimo.

No artigo **Sobre Corpas e Corpos que Importam, Luis Celestino** apresenta uma investigação sobre como o corpo é um elemento fundamental para a compreensão da Biopolítica. O artigo busca mostrar como a compreensão do corpo na Biopolítica é importante para se pensar temas contemporâneos como problemas de gênero, questões bioéticas e a existência de uma política dos corpos. Assim, partiu-se de Michel Foucault mas junto com outras pensadoras e pensadores, tais como Paul B. Preciado, Sueli Carneiro e Donna Haraway se debateu esse lugar do corpo na biopolítica para além das proposições de Foucault.

No artigo **Descolonizar Foucault: uma metodologia para uma paresia e uma experiência vivida em cura e defesa da ferida colonial**, Raisa Inocência Ferreira Lima extrai de sua Tese "Diga-me Vênus, por que caçam as mulheres?", um ensaio apresenta em que articula uma arqueologia do saber de Michel Foucault como uma prática metodológica em vistas de uma descolonização do pensamento na récita do arquivo e da história de Sarah Baartman, a Vênus Hotentote. A autora propõe uma escrita descolonizadora, unindo escrita acadêmica e afeto político, paresia e experiência vivida ética.

Vale salientar que esta edição é fruto de parceria com a Universidade Federal do Cariri (UFCA) e com o projeto de pesquisa “Modos de Subjetivação e Biopolítica” (FUNCAP-Ce). Se o tema da decolonialidade já tem rendido uma série de instigantes pesquisas, esperamos que as relevantes discussões aqui trazidas possam proporcionar novos agenciamentos da pesquisa foucaultiana, 40 anos depois. Boa leitura!

Referências

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade**: a Construção do Outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2023.

FOUCAULT, Michel. A Cena da Filosofia. In: FOUCAULT, Michel (Org.). **Ditos e Escritos VII**: Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. Rio de Janeiro: Forense, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Loucura, Linguagem, Literatura**. Organizado por Danielle Lorenzini, Judith Revel, Henri-Paul Fruchaud. São Paulo: Ubu, 2024.

IRRERA, Orazio. A aleturgia descolonial: da parresía à satyagraha. Trad. Daniel Verginelli Galantin. In: FONSECA, Angela Couto Machado; GALANTIN, Daniel Verginelli; RIBAS, Thiago Fortes (orgs.). **Políticas não-identitárias**. São Paulo: Intermeios, 2017.